

Ambiente

Eles criticam a atuação dos preservacionistas que querem as comunidades indígenas isoladas do contato com o branco. E dizem: bom mesmo é luz elétrica, roupas modernas e TV.

Novos índios recusam voltar à vida selvagem

A recente deposição do cacique preservacionista Raoni da chefia da nação Caiapó, substituído pelo cacique Tutu Pombo que, ao contrário, defende uma maior aproximação com o homem branco, foi a primeira grande demonstração do avanço de uma nova filosofia que está opondo muitos jovens índios às correntes ambientalistas. É o caso, por exemplo, dos ianomamis Marcelo, de Paapiú, e Paulo do alto Uraricoera.

Frutos de uma geração influenciada pelo contato com os brancos eles se recusam a voltar à antiga vida selvagem. Não aceitam mais plantar apenas roças de banana, mandioca e milho e tentam caçar e pescar animais e peixes cada vez mais raros, o que os obriga a penosas caminhadas pela floresta. Seduzidos pelo consumismo levado à suas malocas por milhares de invasores que tomaram de assalto as reservas ianomamis nos últimos três anos, eles querem que a Funai, depois que estiver completada a retirada dos garimpeiros, coordene um programa de exploração mineral capaz de gerar recursos necessários para a auto-sustentação das comunidades indígenas de Roraima. "Não dá mais para voltar àquela vida defendida pelos preservacionistas e por aqueles que se dizem defensores da causa indígena. Índio não é bicho, é gente como branco", alegam Marcelo e Paulo Ianomani.

Segundo eles, andar pelado, morar em toscas cabanas cobertas com folhas de palmeira, caçar com arco e flecha e ser a atração turística já não atrai mais a juventude da maior e mais primitiva nação indígena das Américas. A maioria dos ianomamis decidiu, garantem Marcelo e Paulo, que bom mesmo é luz elétrica, rádio, fogão a gás, geladeira, jabá, feijão, arroz, redes macias de algodão, roupas modernas, sapato e tênis, posto médico e dentário, escola, trator, caminhão, avião e até

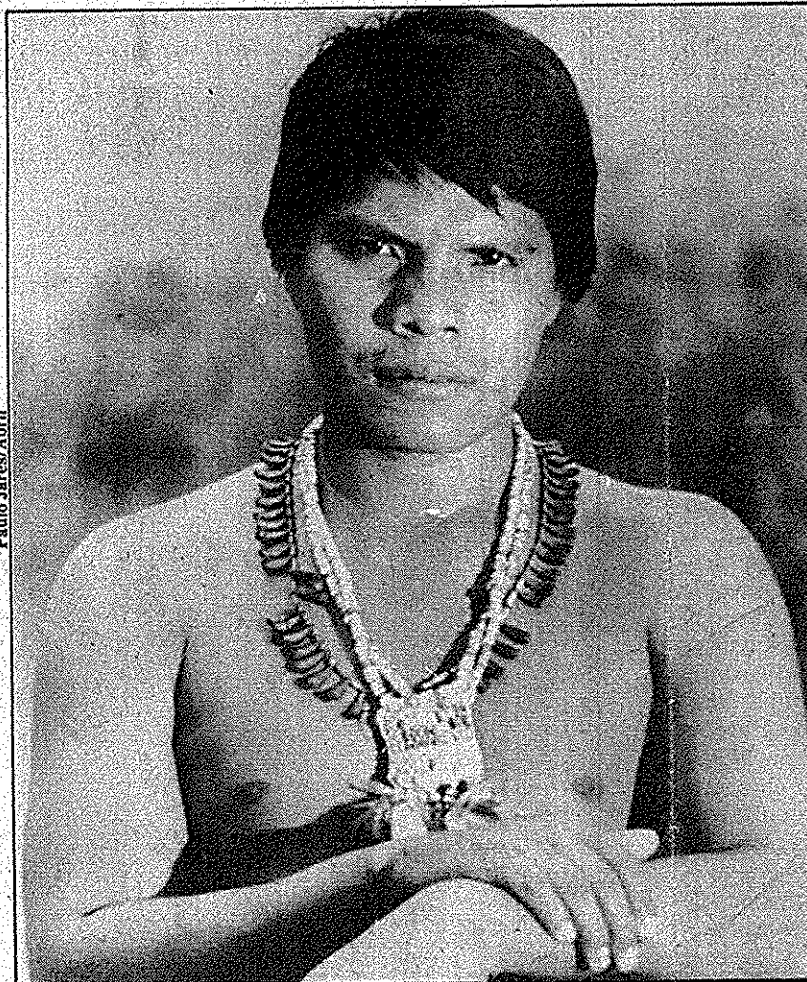
uma antena parabólica, pois muitos índios também já conhecem a televisão. "Queremos plantar roça não só para dar de comer aos parentes, mas também para vender em Boa Vista, mandar para fora e ganhar dinheiro. Os índios podem ser bons agricultores. Mas é preciso capital e ele está embaixo de nossas terras. Por isso queremos garimpar", ressalta Marcelo, o líder desse movimento, embora admita que para aprender o valor de todas essas coisas os ianomamis sacrificaram quase 20% dos cerca de 10 mil membros da sua nação no lado brasileiro.

Nos contatos com os brancos Marcelo e Paulo adquiriram não apenas novos modos, novos gostos, mas aprenderam também a falar corretamente o português, a mexer com as máquinas, a garimpar e a negociar com ouro. E não estão sozinhos. Conquistaram outros adeptos e já têm do seu lado vários caciques como Peri do alto Mucajai, de Julio, da maloca do Maturacá, de João Davi, do Maapiú. Todos têm em comum a mesma juventude e o mesmo desejo: continuam consumindo os produtos e serviços que conheceram com a chegada dos garimpeiros.

Ameaças

Funcionário da Funai, Marcelo diz que tem medo de que suas posições venham lhe custar caro. "Já recebi ameaças de morte de um dirigente local do PC do B, quando ele soube que eu estava defendendo a presença dos garimpeiros em nossas terras, contrariando a campanha do partido apoiada pela Igreja", revelou. "Esse pessoal não entende que essa posição não é só minha. Ela representa o pensamento da maioria da comunidade do Paapiú."

Marcelo nega qualquer ligação com política, diz que não gosta dos políticos e que sua gente não quer saber deles. Mas acha que as suas posições são políticas, pois defendem uma vida melhor para seus parentes, através da



Marcelo Ianomami, representante de comunidades indígenas que querem viver com mais conforto: "Índio não é bicho".

mudança de vários conceitos. Um deles é a falta de sensibilidade de segmentos que decidem em nome do índio mas nunca o ouve para ver se a decisão é aquela que a comunidade deseja. "Nós não queremos a saída pura e simples dos garimpeiros. O que nós queremos é que a presença deles nas nossas terras seja ordenada. Todavia, como os garimpeiros já estão saindo, nós resolvemos assumir a operação do maquinário deixado nas reservas", explica Marcelo.

Paulo concorda com Marcelo sobre a necessidade de os índios tocarem eles mesmos os seus garimpos. Mas entende que é preci-

so defender a ecologia, pois acha que estão ocorrendo muitos estragos no meio ambiente. Entretanto, não concorda com a acusação de que a presença dos garimpeiros esteja acabando com a floresta: "O garimpeiro abre uma boca de serviço pequena e quando acaba o ouro vai para outro lugar. Onde ele trabalhou a própria natureza trata de consertar os estragos. Acontece o mesmo nas nossas rotas. Depois que a gente abandona o local, ele se recupera em poucos anos. Mas para isso é preciso alguns cuidados", explica Paulo.

Bons e maus

O futuro dos ianomamis

preocupa os dois. Marcelo diz que do jeito que está a situação não pode ficar, pois a presença descontrolada de garimpeiros vinha provocando vários problemas, principalmente com relação à saúde e à segurança dos índios. "Há garimpeiros violentos — e esses não podem ficar perto dos ianomamis. Mas há também o garimpeiro bom, que ajuda os índios preocupado em ensiná-los a trabalhar, coisa que nem os padres nem a Funai fazem". Mas Marcelo não quer também que as decisões sejam tomadas em Brasília, sem que a comunidade indígena seja ouvida ou consultada a respeito daquilo que vai afetá-la diretamente. "Há muitos ianomamis em condições de entender o que está ocorrendo e podem repassar isso para seus parentes. Uns são contra os garimpeiros, como o Davi Kopena-wa, que está ligado a grupos com variados interesses na área; há outros que defendem uma posição diferente e desejam explorar os garimpos como forma de auto-sustentação". Ele diz que defende essa corrente embora reconheça que muitos o acusam de fazer o jogo de garimpeiros e mineradoras. "O jogo que eu faço mesmo é o dos meus parentes. Todas as minhas atitudes são consequência de decisões tomadas em conjunto pela comunidade. O que a maioria decide, mesmo que eu não concorde, eu acato e procuro concretizar", garante Marcelo.

Uma das críticas que Marcelo não aceita é aquela feita por Marcos Terena: "Ele disse que fala em nome dos índios. Mas ele só fala mesmo em nome de seus parentes, pois cada maloca tem suas próprias diferenças e ninguém tem o direito de falar por todos". Marcelo acentua que o que é bom para os parentes de Terena pode não ser bom para os ianomamis de Roraima. "De mais a mais a gente sente que há uma revolta contra os que defendem a causa indígena

só para receber favores de seus patrocinadores. O Marcos Terena é um deles. De que adiantou ele se tornar civilizado, ir à universidade, estudar, viajar, viver de mordomias e não aceitar o fato de que há outros líderes indígenas surgindo?", questiona Marcelo.

Ele lembra que é tão líder quanto Marcos e que nem por isso vai dizer ao Terena como deve conduzir a vida de sua gente. "Ele que viva a vida dele e deixe a gente viver a nossa. Isso é o que eu entendo por democracia", ressalta Marcelo.

Paulo garante que o movimento dos jovens líderes ianomamis tem propostas para resolver a penosa situação enfrentada por sua gente. Ele lembra que todos querem, hoje, que o governo ouça os índios antes de tomar qualquer decisão que afete suas vidas. "Quando foi que alguém veio até nós perguntar se queríamos a saída dos garimpeiros? Nem a Justiça fez isso. Todo mundo defende o nosso direito e diz que as terras são nossas. Se são nossas, temos o direito de fazer o que quisermos com elas. É claro que não vamos destruí-las, pois isso não é da índole do índio", destaca Marcelo.

Paulo ressalta que os ianomamis já aprenderam que suas terras são ricas em minerais e por isso são muito cobiçadas. Mas ele entende que a exploração das jazidas de ouro e cassiterita é a única forma de dar uma vida melhor aos ianomamis e garantir o seu futuro. Para os dois, só com os recursos dessa exploração será possível dar aos ianomamis segurança, saúde, educação e as condições que ambos entendem como fundamentais para evitar que haja um êxodo dos indígenas para a cidade, onde, além de se transformarem em párias, seriam fatalmente aniquilados.

Plínio Vicente, de Boa Vista.

Leia editorial O ambiente do meio na página 4